

MATERIAL DIDÁTICO

Secretaria da  **SÃO PAULO**
Educação GOVERNO DO ESTADO

DIRETRIZES CURRICULARES:

A TRANSVERSALIDADE ENTRE SEMIÓTICA E FILOSOFIA

unesp 

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

ADRIANO PEREIRA DA SILVA

**DIRETORIA DE ENSINO
REGIÃO DE AVARÉ**

2023

DIRETRIZES CURRICULARES:

A TRANSVERSALIDADE ENTRE SEMIÓTICA E FILOSOFIA

Secretaria da Educação do Estado de São Paulo

Autor: Adriano Pereira da Silva

Diagramação: Sthefanie Kalil Kairallah

Realização: Diretoria de Ensino - Região de Avaré

Apoio: Daniela Miranda Fernandes dos Santos,

Dirigente Regional de Ensino

Parceria: UNESP/FclAr - Câmpus Araraquara

Apoio: Prof. Dr. Jean Cristtus Portela e Profa. Dra. Patricia Veronica Moreira

Ano de publicação: 2023

UMA PARCERIA ENTRE:



SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	04
2. A ABORDAGEM SEMIÓTICA DO ENSAIO.....	06
3. O GÊNERO ENSAIO.....	09
4. A SEMIÓTICA DISCURSIVA NA ANÁLISE DOS ENSAIOS DE MONTAIGNE.....	11
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	15
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	17

1. INTRODUÇÃO

O século XXI apresenta uma realidade de investigação epistemológica muito complexa e diversificada. É possível suspeitar que o processo cognitivo atual se constrói numa dinâmica de estudos interdisciplinares (Ciências da Linguagem, Filosofia, Sociologia, Artes, Antropologia, entre outras). Nota-se, prementemente, uma perspectiva de investigação cognitiva inter, trans e multidisciplinar que tem como princípio de intersecção os estudos da linguagem.

O filósofo Henrique Dussel (2004) diz que estamos vivendo a transcontemporaneidade, um processo cultural que ultrapassa todas as categorias binárias, dicotômicas, fragmentadas e compartimentadas do conhecimento humano. Pensar de forma transcontemporânea é buscar estudar e analisar o mundo e suas manifestações de saberes sob o enfoque das ciências da linguagem, em especial os domínios da semiótica, mais especificamente, da semiótica de linha francesa, que remonta a Greimas e seus discípulos os fundamentos epistemológicos dos estudos do texto e discursos como produção de sentidos humanos.

Com efeito, nessa perspectiva interdisciplinar, o contexto atual desperta alguns questionamentos sobre a temática da relação entre semiótica e filosofia, sobretudo no que diz respeito à problemática da questão dos gêneros textuais e discursivos como limite e ultrapassagem no desenvolvimento das competências leitora e escritora dos sujeitos e suas habilidades cognitivas e socioemocionais na interação com os diversos tipos de textos (verbais, não-verbais, anúncios, pichações, moda, tv, redes sociais, cinema)

Observa-se no âmbito da formação educacional leitora básica, a urgente necessidade de considerar os problemas ou saberes nas perspectivas inter, transdisciplinares, transversais, multidimensionais. Por esta razão, na tentativa de estabelecer o ponto de conexão entre semiótica e filosofia buscamos, na imanência do texto, o percurso gerador de sentido dos discursos inter e transdisciplinar, as hipóteses para a compreensão da complexidade dos saberes humanos no séc. XXI. A inter ou a transdisciplinaridade, vistas como a busca da compreensão de questões complexas, é, fundamentalmente, a busca pelo sentido, que passa obrigatoriamente pelo estudo de sistemas semióticos.

Nos estudos sobre a noção de gênero na semiótica (PORTELA & SCHWARTZMANN, 2012) é possível levantar a hipótese de investigar o gênero textual *Ensaio* e as manifestações discursivas que ele apresenta na relação inter e transdisciplinar da semiótica com a filosofia. Por isso, surgem algumas questões: a) Que lugar o “ensaio filosófico” ocupa enquanto gênero textual e discursivo nos estudos da semiótica discursiva?; b) O ensaio possui um gênero específico?; c) Como o ensaio enquanto gênero textual e discursivo pode colaborar para a inter e transdisciplinaridade entre semiótica e filosofia?; d) Existe uma identidade para o gênero textual ensaio discursivo filosófico ou sua não identidade é o que melhor o define?

Por isso, o escopo do presente trabalho é analisar pelos níveis de pertinência da semiótica discursiva as características do gênero textual ensaio, pensando sua natureza e seu lugar como forma constituída de gênero textual e discursivo. Além disso, busca-se evidenciar as contribuições da semiótica discursiva para o estudo do ensaio, por meio da imanência das propriedades textuais e discursivas e da pertinência desse gênero para a interdisciplinaridade entre a semiótica e a filosofia.

2. A ABORDAGEM SEMIÓTICA DO ENSAIO

Segundo Denis Bertrand, (2002, p.11) a semiótica tem por objeto de estudo a significação, o “parecer do sentido”, que investiga a semiose entre os planos do conteúdo e da expressão. Especificamente, a semiótica busca entender as produções de sentido elaboradas pelos humanos. Ela se interessa pelas estruturas, sons, movimentos, relações e mecanismos que fazem um texto produzir os sentidos que produz.

Já a filosofia de acordo com Deleuze e Guatarri (1992) é a arte de criar conceitos. “A filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em criar conceitos /.../ Criar conceitos sempre novos, é o objeto da filosofia”. (DELEUZE; GUATARRI, 1992, p.13). Epistemologicamente, os conceitos, segundos os filósofos citados, são as apropriações criativas da produção de sentido da vida, das manifestações de culturas e ciências, muito próximo do que nos propõe a semiótica sobre a produção de sentido.

Para análise do plano de conteúdo, Greimas elaborou o percurso gerativo de sentido, composto pelo nível fundamental, o narrativo e o discursivo, isto é, o mais simples e abstrato, intermediário e o mais concreto e complexo, respectivamente. No entanto, Fontanille vai além do texto-enunciado, desenvolvendo o percurso gerativo de expressão. Por meio desse referencial metodológico da semiótica iremos analisar o *corpus* e os pressupostos levantados

Para fomentar as investigações das hipóteses foi selecionado o ensaio do filósofo Michel de Montaigne (1999) com o título “*Da Amizade*”. A semiótica será utilizada, assim, como uma ferramenta, isto é, um percurso metodológico procurando evidenciar a partir dos estudos sobre o gênero textual ensaio filosófico as características e particularidades que o subjazem. É nessa via de mão dupla que se dá a interdisciplinaridade entre filosofia e semiótica, pela qual os campos de conhecimentos se integram e se reconfiguram mutuamente.

Fundamentados na máxima greimasiana de que “Fora do texto não há salvação” (Greimas, 1974, p. 31) busca-se no caráter científico da semiótica as evidências da produção de sentido e conceituais que o filósofo apresenta no texto. Segundo Schwartzmann (2018) um dos modos de ler semioticamente um texto é entender que todo objeto de significação é um texto, por isso a semiótica contribui para a

compreensão das ideias do filósofo por meio da análise dos níveis de pertinência proposto por Fontanille. Diz Schwartzmann:

A novidade está no que chamamos de “saída do texto”, isto é, na ultrapassagem do nível do texto-enunciado, nível historicamente eleito por excelência, e no redirecionamento das análises e pesquisas na direção dos objetos semióticos, de sua relação com os sujeitos, ou ainda, com os corpos dos sujeitos e com práticas e usos sociais (Schwartzmann, 2018, p. 4)

Portanto, é notório que a problemática do corpus, não sem razão, manifesta-se de forma muito complexa, mas Schwartzmann também dirá: “Uma semiótica viva só pode ser partidária da complexidade” (2018, p. 4)

Pensar a abordagem da semiótica discursiva sobre o ensaio filosófico de Montaigne estimula à busca do sentido do texto, enquanto ensaio, em sua totalidade, por isso faz-se mister recuperar Greimas quando, fazendo menção ao sentido, diz: “não significava apenas o que as palavras queriam nos dizer, ele é também uma direção, ou seja, na linguagem dos filósofos, uma intencionalidade e uma finalidade” (GREIMAS, 1975, p. 15).

Nesse sentido, a Semiótica procura compreender o todo significativo do discurso no texto. ela investiga percurso gerativo de sentido que o texto e discurso manifestam. Barros (2005) afirma que a semiótica “tem por objeto o texto, ou melhor, procura descrever e explicar *o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz*” (BARROS, 2005, p. 11, grifos da autora). Em outras palavras, a semiótica, principalmente, a discursiva entende o texto enquanto um objeto de significação, por isso, ela investiga os mecanismos que fazem parte de sua estrutura significativa.

Para a semiótica, o discurso, manifesta-se em uma sobreposição de níveis articulados em percurso, em que as estruturas sintático-semânticas operam numa organização de sentido de nível profundo, isto é, as estruturas simples e abstratas de um texto e nível superficial, compreendido pelas estruturas complexas e concretas.

Neste percurso, é possível encontrar as estruturas sêmionarrativas (nível mais abstrato), as estruturas discursivas (nível mais concreto) e estruturas textuais (textualização), as quais, para Greimas (1979, p. 208), estão fora do percurso gerativo. (BARROS, 2001)

Por isso, segundo Barros (2001), analisar os discursos segundo a perspectiva da semiótica discursiva é muito importante, pois compreender os textos e discursos em camadas oferece caminhos de leituras, de descrições autônomas e aprofundadas, determinando etapas e modos de abordagem, conforme os níveis.

Sendo assim, a análise semiótica do gênero ensaio apresenta um profundo elo interdisciplinar com a filosofia, pois as marcas discursivas presentes no gênero ensaio manifestam uma produção de sentido permeada por concepções filosóficas, éticas, políticas. O ensaio apresenta um percurso gerador de sentido racional, reflexivo, investigativo, estético que transita muito bem pela literatura, filosofia, ciência e comunicação jornalística.

Pela perspectiva semiótica, todas essas possibilidades de trânsito nas diversas esferas da comunicação faz o linguista estudar gênero ensaístico sob diversos referenciais epistemológicos, o que corrobora para a hipótese de ele ser um gênero extremamente interdisciplinar.

3. O GÊNERO ENSAIO

Um olhar historiográfico sobre o gênero textual ensaio aponta para o filósofo Michel de Montaigne no século XVI as primeiras características de uma produção textual misturada e diversificada em composição discursiva.

Mas no que pesem todas essas objeções desfavoráveis ao gênero cuja paternidade é atribuída a Montaigne, com a publicação de seus *Essais* (1580), o ensaio tem assegurado sua presença ontológica e antológica no seio da cultura ocidental. (CARRIJO, 2007, p. 11)

Montaigne utilizou a palavra ensaio numa referência à tentativa, ao treino, ao teste, dentre outros termos do mesmo conjunto semântico. Para ele, o ensaio seria um exercício livre do pensamento, que oferecia uma mobilidade e flexibilidade no seu estilo de escrita. Por meio do ensaio, enquanto texto, o filósofo acreditava que era possível imprimir um caráter crítico e pessoal para suas ideias no texto. Cunha (2011) referindo-se ao ensaísmo de Montaigne dirá:

No ensaio a pena do autor é deixada à vontade, guiada pelo senso comum, misturando instinto com experiência, razão e sensibilidade, circulando pelos temas mais diversos, sem compromissos com a autoridade, mas sim com a liberdade e criticidade (CUNHA, 2011, p. 573).

De acordo GÓMEZ-MARTÍNEZ (1992, p. 6) é com Michel de Montaigne que o gênero ensaístico ganhou maior projeção no contexto cultural do Renascimento, pois as epistemes da sociedade europeia estavam descobrindo a consciência subjetiva, o conhecimento científico-racional e a vida privada. Por isso, o texto ensaístico representava o espírito cultural da época. Montaigne podia expressar suas ideias pessoais de forma livre e criativa, o que até então, não era permitido aos intelectuais e cientistas.

Além de Montaigne, muitos outros escritores lançaram mão desse gênero textual. Francis Bacon, Pascal, Rousseau, Espinosa, Barthes, Virginia Woolf, T.S. Eliot, Miguel de Unamuno, Albert Camus, Borges, Antonio Cândido e Sérgio Buarque de Holanda, entre outros. Na obra desses autores nota-se que ora o ensaio apresenta o

domínio dos discursos científico, referencial e filosófico, ora manifesta uma linguagem poética, artística e ficcional.

Assim, transitando entre ciência e literatura, o ensaio apresenta-se como um gênero textual muito singular, o que desperta o fascínio por estudá-lo mais a fundo, sobretudo, quando se tem por hipótese a problematização do lugar do discurso filosófico, que nele se manifesta.

O filósofo Theodor Adorno em seus estudos sobre o ensaio publicou um importante trabalho em 1974, com o título “*O Ensaio como forma*” em que apresenta o gênero textual ensaístico como um produto híbrido, muitas vezes incompreendido pelos grandes pensadores. Diz ele:

Apesar de toda confiança que Simmel e o jovem Lukács, Kassner e Benjamin manifestaram em relação ao ensaio, à especulação sobre objetos específicos, já preformados culturalmente, a corporação acadêmica só tolera como filosofia aquilo que se reveste com a dignidade do universal, do permanente, e, hoje em dia, porventura, com a dignidade do originário. (1994, p. 168).

Em outras palavras, o ensaio apresenta-se como um grande desafio para os escritores e para os estudiosos de textos e discursos. Portanto, para estudar o gênero ensaio e investigar dados que apontem as características factuais, ficcionais e argumentativas, utilizaremos, metodologicamente, a semiótica discursiva por meio da análise dos níveis de pertinência do percurso gerativo de sentido e expressão do *corpus* selecionado entre os textos do filósofo Montaigne.

A estratégia de leitura que parte do texto-enunciado, e observa a produção de sentido dele, no que tange à expressão do ensaio, demonstra, por meio dos níveis de pertinência dos textos-enunciados algumas características do gênero textual ensaístico.

Vale dizer que em cada nível de pertinência encontramos um tipo de experiência. Assim, analisando num percurso ascendente, do nível mais simples para o mais complexo, é possível revelar que a experiência do nível inferior organiza a do nível superior.

4. A SEMIÓTICA DISCURSIVA NA ANÁLISE DOS ENSAIOS DE MONTAIGNE

O percurso metodológico da semiótica discursiva fundamentado nos níveis de pertinência de Jacques Fontanille (2008) aponta para uma análise das características linguísticas dos Ensaio de Michel de Montaigne, que revelam a imanência da interdisciplinaridade entre semiótica e filosofia presentes no próprio texto.

A análise dos níveis de pertinência do texto de Montaigne permite inferir a partir do texto que o gênero ensaio é a expressão da linguagem e cultura do Renascimento, época em que Montaigne viveu. Em outras palavras, a característica fluida e ambivalente do gênero ensaio revela muito do espírito de mistura de criação literária, filosofia moral e política. A manifestação da linguagem nos ensaios montaignianos coloca em jogo percursos estéticos e estilísticos que projetam princípios reflexivos, expressões artísticas, problemas morais e filosofia de vida.

Nesse sentido, de acordo com Lima (1964, p. 9), cabe a Michel de Montaigne “não só a palavra ensaio senão que também um gênero estético novo: o ensaio”. Em seu livro *Ensaio sobre a essência do ensaio* (1964), Lima discorre sobre algumas características do ensaio filosófico de Montaigne. Segundo o autor (1964), quatro são as características marcantes dos ensaios do filósofo renascentista: i) o autoexercício da razão, das faculdades; ii) a autonomia mental; iii) o esforço constante pelo pensar original; iv) a vivência experiencial da universalidade; v) o juízo crítico. (LIMA, 1964, p. 57-63).

A análise semiótica também permite apontar que os ensaios apresentam uma reflexão lenta e ponderada sobre os mais variados temas cotidianos da época. Observa-se que uma das características do discurso filosófico é o rigor conceitual e a precisão teórica, que se fazem constitutivos da reflexão, e podem ser medidos pela quantidade de citações e remissões a autores e a outros campos do saber ao longo da redação dos ensaios.

O Ensaio *Da Amizade*, é uma reflexão, uma pintura em forma de palavras sobre a relação de amizade entre Michel de Montaigne e La Boétie. Montaigne utiliza a palavra ensaio em francês, *essai*, que significa prova, experiência e tentativa para descrever sua forte relação com o amigo. No ensaio *Da Amizade* a escrita ensaística implica o contato com o constante, com a flexibilidade e a diversidade. Trata-se da

fragmentação do eu, que se encontra num jogo, ou seja, num movimento, no qual não existe um eu único e tampouco abstrato. “Meu talento não vai tão longe, e não ousa empreender uma obra rica, polida e constituída em obediência às regras da arte” (MONTAIGNE; I, 1984, p. 91).

Observa-se que Montaigne está estabelecendo uma comparação com o talento do pintor e sua capacidade de imortalizar as emoções. Ao lançar mão da metáfora do pintor, Montaigne procura descrever suas experiências, suas sensações num processo autobiográfico de sua amizade com La Boétie, procurando tornar viva a relação deles.

Assim como no agir, também no dizer sigo muito simplesmente minha forma natural; talvez seja por isso que posso mais ao falar do que ao escrever. O movimento e a ação animam as palavras, principalmente para os que se movem vivamente, como faço, e que se inflamam. (MONTAIGNE; I, 1984, p. 98)

A defesa da linguagem natural realizada por Montaigne apresenta um escritor apaixonado pela palavra viva e espontânea. A análise do percurso gerativo de sentido do texto enunciado permite inferir que Montaigne valoriza a língua como instrumento comunicativo e não mero estilo decorativo ou declamatório próprios do estilo linguístico artificial do período medieval anterior ao contexto de vida do filósofo.

Pois me foi mostrado muito antes de eu vir a conhecê-lo, e deu-me o primeiro conhecimento de seu nome, encaminhando assim essa amizade que, enquanto Deus quis, alimentamos entre nós, tão íntegra e tão perfeita que sem a menor dúvida não se lê sobre outras iguais, e entre nossos contemporâneos não se vê o menor indício de sua prática. Para construí-la são necessárias tantas circunstâncias que é muito se a fortuna o conseguir uma vez cada três séculos (MONTAIGNE; I, 2002, p. 275).

O olhar semiótico sobre o texto-enunciado evidencia as marcas linguísticas que revelam a subjetividade do autor. Os pronomes pessoais “eu” e “nós” demonstram a humanidade de Montaigne e de La Boétie por meio do exercício da escrita de suas principais experiências manifestadas nas palavras do ensaio. É possível perceber no texto-enunciado que Montaigne prepara uma obra de grande estima, à luz do amigo, que tanto o ajuda a descobrir os verdadeiros laços de amizade.

Por esta razão, ensaiar, na concepção de Montaigne, não aponta simplesmente um estilo literário em torno da amizade. Ensiar significa uma ação que flui entre iguais, que precisa ser consciente, que reverbera no uso das palavras a experiência da amizade. O enunciado “para construí-la são necessárias tantas circunstâncias que é muito se a fortuna o conseguir uma vez cada três séculos” (MONTAIGNE, 2002) revela que o ensaio pode ser uma forma de memória, um manifesto de registro temporal da consciência de não perder a amizade do amigo.

O ensaio sobre a amizade, segundo Montaigne, é um exercício contínuo, leal, franco da construção de si próprio na relação espelhada com o amigo La Boétie. “Porque era ele, porque era eu”. (MONTAIGNE, 1984, p. 94). Por isso, a escrita ensaística revela-se a mais adequada, pois o filósofo tenta mostrar que o amigo só pode ser descrito e não conceituado. Por meio das palavras, Montaigne tenta projetar no amigo a própria imagem, de tal forma que ambos compreendam a intensidade desse sentimento.

Os texto-enunciado *Da Amizade* apresenta uma linguagem natural e marcada pelas experiências vividas do autor, isso não quer dizer que ele não se preocupe com o estilo de seu texto. Montaigne demonstra uma preocupação com a escrita, por isso usará imagens, metáforas, antíteses, provérbios populares, além das supressões e substituições de palavras repetidas que se manifestam na produção do ensaio.

O ensaio *Da amizade* revela que a escrita de Montaigne é repleta de frases curtas, nas quais evidenciam a intencionalidade de registrar as vivências do autor. Nesse estilo de produção textual, em que o autor procura naturalizar a escrita, observa-se a criticidade contra o pedantismo literário e ao maneirismo dos poetas de seu tempo. A linguagem registra um ritmo fluido, frágil, leve, divertido e fragmentado.

Em *Da amizade*, a linguagem expressa por Montaigne revelam uma sensibilidade poética, pois o texto-enunciado de um prosa-poética subjetiva e íntima de duas pessoas, mas sem as preocupações com os rigores canônicos da poesia. Quando diz, “Porque era ele, porque era eu” está manifestando uma força subjetiva impulsiva de seu espírito, sem se preocupar com o racionalismo matemático da época.

O pensamento de Montaigne revela um discurso filosófico marcado por uma ampla utilização de verbos no modo reflexivo. “Eu olho dentro de mim: só de mim me ocupo, examino-me sem cessar, vigio-me, experimento-me. [...] eu giro em mim mesmo” (MONTAIGNE, 1984). Percebe-se que ele usa o tempo verbal no

presente para exprimir que a ação do pensamento reflexivo se faz no aqui/agora por um movimento de individualidade contínua.

A leitura semiótica do ensaio *Da Amizade* aponta para um percurso que gera um sentido sobre o caráter transdisciplinar do gênero ensaio, pois conduz o leitor a refletir sobre o conceito de amizade sem o rigor lógico-cartesiano de definições e evidências. As marcas discursivas do ensaio convidam o leitor a pensar, junto com Montaigne sobre as experiências da verdadeira amizade que ele vivenciou, mas que reverberam na vida de qualquer sujeito, em qualquer tempo e espaço.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A problematização do ensaio como gênero textual com características singulares e tipologias discursivas misturadas e híbridas estimula uma reflexão sobre a semântica do verbo ensaiar. Nos laboratórios de experiências científicas, no teatro, na dança, na música, é possível compreender o efeito de sentido de se fazer experiências, de se exercitar, de se treinar para alcançar o objetivo determinado. Tal concepção nos remete à ideia de que o ensaio enquanto gênero textual é também um profundo exercício de se produzir significados para o mundo.

O Dicionário Aurélio define o seguinte no verbete 2 de Ensaio:

[Do fr. Essai < lat. tar. Exagiu.] S.m. Liter. Obra literária em prosa, analítica ou interpretativa, sobre um determinado assunto, porém menos aprofundada e/ou menor que um tratado formal e acabado.

Definir o que é ensaio, não é uma tarefa fácil, pois ficamos na dificuldade de definir se ele é um gênero textual ou discursivo. Em outras palavras, o ensaio apresenta-se como um grande desafio para os escritores e para os estudiosos de textos e discursos.

Portanto, tentaremos mostrar, por meio da metodologia de análise da semiótica discursiva, que uma época como a nossa, na qual os gêneros textuais se multiplicam sem limites, em que a diluição do gênero pulveriza a própria ideia de gênero, pensar o caráter específico e singular do ensaio parece ser desafiador e provocativo.

De acordo com Narvaez:

Prosa digressiva, descontínua e fragmentária, espécie de pensamento por imagens, o ensaio constitui livre instrumento através do qual o escritor, hermeneuticamente, lança-se a compreender a realidade. O experimental, o provisório e o relativo caracterizam esse gênero que, do latim *exagium*, apresenta a mesma raiz do vocábulo *examen* (NARVAEZ, 2000, p. 149, apud PAVIANI, 2007, p. 11)

Portanto, é nesse caráter misto, difuso e mestiço do ensaio que se encontram os caminhos de intersecção e amálgama da transversalidade imanente entre a semiótica e a filosofia apreendida dos percursos gerativos de sentido encontrados no gênero textual ensaio de maneira profícua.

Analisar o Ensaio *Da Amizade* do pensador renascentista, sob o enfoque epistemológico da semiótica discursiva, evidencia que o gênero ensaio é muito rico de possibilidades discursivas o que garante a interdisciplinaridade entre os estudos da linguagem e a filosofia, pois o texto-enunciado manifesta-se de forma poética, reflexiva e argumentativa.

Percebe-se que o ensaio é um gênero textual com múltiplas características e por isso, é difícil encontrar uma padronização. Sendo assim, a transversalidade da semiótica e da filosofia através dos níveis de pertinência do percurso gerativo de significação demonstra que o ensaio realiza sua função de prática sócio-histórica como expressão e comunicação aberta aos interesses filosóficos, científicos, políticos e artísticos.

DIRETRIZES CURRICULARES:

A TRANSVERSALIDADE ENTRE SEMIÓTICA E FILOSOFIA

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, T. W. O ensaio como forma. Sociologia. São Paulo: Ática, 1994.
- BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. N. Marxismo e filosofia da linguagem. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Teoria semiótica do texto. 4ª. ed. São Paulo: Ática, 2001
- BERTRAND, Denis. Caminhos da semiótica literária. Trad. Grupo CASA. Bauru-SP: EDUSC, 2002.
- BORGES, B. I. Ensaio filosóficos e peripécias do gênero. Caxias do Sul, RS: Educus, 2006.
- CARRIJO, Silvana Augusta Barbosa. O ensaio literário: órfão de dois pais vivos - Lya Luft nas águas de um (anti) gênero. In LINGUAGEM – Estudos e Pesquisas, Catalão, vols. 10-11 – 2007. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/lep/article/view/32534>. Acesso em: 14/11/2020
- CUNHA, Norberto Ferreira da. A arte do ensaio: a vocação socrática de Proteu. In: Revista de História das Ideias. v. 32. Ano: 2011. Imprensa da Universidade de Coimbra. Disponível em: https://digitalis.uc.pt/pt-pt/artigo/arte_do_ensaio_voca%C3%A7%C3%A3o_socr%C3%A1tica_de_proteu. Acesso em: 27/01/2021
- DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Félix. O que é a filosofia? Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- DUSSEL, Henrique. Transmodernidad Interculturalidad (Interpretación desde la Filosofía de la Liberación). Disponível em: https://enriquedussel.com/txt/Textos_Articulos/347.2004_espa.pdf. Acesso em 12/07/2020.
- FONTANILLE, Jacques. Práticas semióticas: imanência e pertinência, eficiência e otimização. Trad. Maria Lúcia Vissotto Paiva Diniz et al. In: DINIZ, Maria Lúcia Vissotto Paiva; PORTELA, Jean Cristtus (Orgs.). Semiótica e mídia: textos, práticas, estratégias. Bauru: Unesp/Faac, 2008a, p. 15-74.
- FONTANILLE, Jacques. Semiótica do discurso. Trad. Jean Cristtus Portela. São Paulo: Contexto, 2007.
- GALÁN, P. C. El espíritu del ensayo. In: GALÁN, P. C. et al. El ensayo: entre la filosofía y la literatura. Granada: Comares, 2002. p. 1-32.
- GERALDO, J. Ensaio literários. Brasília: Thesaurus, 2005.
- GOMES, Regina Souza. Gêneros do discurso: uma abordagem semiótica. ALFA – Revista de Linguística. v. 53 n. 2 (2009). Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/2132>. Acesso em: 27/01/2021.
- GÓMEZ-MARTÍNEZ, J. L. Teoría del ensayo. México: UNAM, 1992. Disponível em: <http://www.ensayistas.org/critica/ensayo/gomez/>. Acesso em: 1 jul. 2012.

DIRETRIZES CURRICULARES:

A TRANSVERSALIDADE ENTRE SEMIÓTICA E FILOSOFIA

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GREIMAS, Algirdas Julien. L'Énonciation: une posture épistémologique. Significação – Revista Brasileira de Semiótica, n. 1, Centro de Estudos Semióticos A. J. Greimas: Ribeirão Preto (SP), 1974.

GREIMAS, A. J. Sobre o sentido: ensaios semióticos. Petrópolis: Vozes, 1975.

GUAL, G. Ensayando el ensayo: Plutarco como precursor. Revista de Occidente, n. 116, p. 25-26, 1991.

LIMA, S. Ensaio sobre a essência do ensaio. Coimbra: A. Amado, 1964.

MONAIGNE, M. de. Ensaios. São Paulo: Abril Cultural (Os Pensadores), 1972.

PAVIANI, Jayme. O ensaio como gênero textual. In: V SIGET – Simpósio Internacional de Estudos e gêneros textuais – Educação em foco – Agosto, 2009 – Caxias do Sul – Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/arquivos/65/o-ensaio-como-genero-textual.pdf>. Acesso em: 04/11/2020.

PORTELA, Jean Cristtus & SCHWARTZMANN, Matheus Nogueira. A noção de gênero em Semiótica. In: PORTELA, Jean Cristtus, et al. Semiótica: identidade e diálogos. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

SCHWARTZMANN, Matheus Nogueira. A noção de texto e os níveis de pertinência da análise semiótica. Estudos Semióticos. [on-line], volume 14, n. 1 (edição especial). Editores convidados: Waldir Beividas e Eliane Soares de Lima. São Paulo, março de 2018, p. 1-6. Disponível em: www.revistas.usp.br/esse. Acesso em 23/05/2020

WOLTER, Katarina Mauer. Ecos de ceticismo na criação ensaística de Michel de Montaigne. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-RIO: Rio de Janeiro. 2008.